



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O João Sovina

Por ANÃO SABICHÃO

VENHA cá, senhor Anão,
enha ver o tentilhão,
que chegou todo coxinho,
nem pode andar, coitadinho! —

Era a passarinhada que assim piava.

Acudi logo, para socorrer o desgraçado tentilhão. Enquanto lhe tratava da perninha aleijada, mettendo-a numas talas, perguntei-lhe como aquele desastre lhe sucedera.

Foi um rapaz muito mau,
que me atirou um calhau!
Ele estava a comer pão
e não quiz que o tentilhão
comesse uma migalhinha,
e, vai, partiu-me a perninha.



Indignado, ao ouvir estes queixumes, indaguei onde morava o malvado, para vingar o tentilhão.

Entrei-lhe em casa, feito em ratinho.

Esse animal pequenino, esperto e roedor, é que me serviria para a minha vingança.

Mal lá cheguei, logo ouvi a voz da mãe do pequeno, ralhar-lhe:

— Estou muito zangada, contigo, João! Tinha-te recomendado ontem que desses aquele cartucho de bolachas ao filho da engomadeira que está doente, e sei, agora, que tu não lhas entregaste.

Aposto que comeste as bolachas que eram para o pobresinho! —

(Continua na pag. 4)

DESTINOS

NOVELA INFANTIL

POR GRACIETTE BRANCO

(Continuado do numero anterior)

EPILOGO

Durante semanas seguidas, Fernando não tornou a encontrar Helen, mas, passado tempo, recebeu da interessante e dedicada rapariga, a seguinte carta:

— «Fernando:

Interessada pelo seu caso sentimental e desejando vê-lo, brevemente casado com a noiva que deixou em Portugal, pedi a meu pai que me permitisse oferecer-lhe, como prenda de casamento, a propriedade absoluta duma das nossas fábricas.

Acho que assim o Fernando poderá realizar, desde já, o seu sonho mais querido.

Tencionava ir agora a Portugal, não é verdade? Pois bem: regresse com sua noiva e casem na nossa capela, porque eu desejo ser a vossa madrinha.

Não me agradeça, porque sinto extraordinária alegria em poder provar-lhe que sou muito sua amiga.

Helen

Passados dias e após os mais efusivos protestos de gratidão, Fernando partia para Portugal, com a alma cheia de sol, inundada pela luz esplendorosa da Felicidade. Ninguém descobriria, no elegantissimo rapaz, o pobre Fernando Pescada, descalço, tímido, acanhado, que, há anos, viera para Lisboa, como marçano de mercearia.

Com duas esplêndidas valises, após sair da estação do Rocio, saltou para um taxi, fazendo-se conduzir á modesta habitação de Rosinha. Não tendo recebido aviso da data da chegada, a linda rapariguinha tratava do arranjo da casa, quando, subitamente, vendo surgir Fernando, soltou um grito de alegria, indo cair-lhe nos braços.

A trôpega Avozinha, aparecendo alvoroçada, perguntava, a si própria, boquiaberta, quem seria aquêlê senhor elegantissimo que abraçava alegremente a neta, seguido por um moço que conduzia duas riquissimas malas!

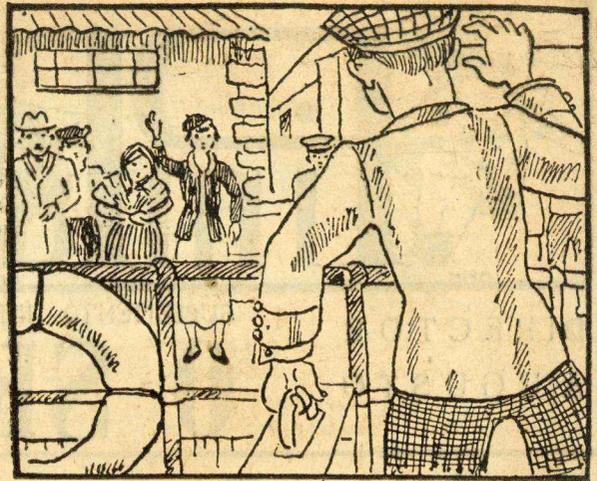
Mas Rosinha, quebrando a sua surpresa, gritou-lhe febrilmente:

— «Avozinha! E' o Fernando! E' o nosso principe encantado, que não se esqueceu de mim!»

A pobre Avozinha não acreditava no que via...

— «Não te enganas, Rosinha?» — exclamou, por fim — Este senhor é o Fernando? Mas um senhor tão distinto pode querer saber de ti, Rosinha, tão pobre e tão modesta?!»

Foi a vez de Fernando falar. E abraçando a



extasiada velhinha respondeu-lhe, cheio de ternura e afecto:

— «Sim, Avozinha. Deixe-me tratá-la assim, porque, brevemente, também serei seu neto. Sou o Fernando, de nascimento, tão modesto como a nossa querida Rosinha. A' custa de trabalho, e também guiado pela minha boa estrêla, tenho-me elevado na vida. Hoje, em Londres, graças a Deus, além de continuar sendo o auxiliar do meu querido bemfeitor, mister Grossmith, possuo uma esplêndida fábrica que miss Helen me ofereceu como prenda de casamento.

Venho busca-las, para que o nosso casamento se realize na capela particular dos Grossmith. Fixaremos residência em Londres, porque seria para nós bastante prejudicial a minha ausência na fábrica.

Contudo, quando a velhice se aproximar, de novo regressaremos ao nosso Portugal sempre querido, porque nêlê quero acabar os meus dias.»

*

* *

No dia seguinte Fernando partia para Buarcos. Não pode descrever-se a extraordinária emoção que lhe causou o aparecimento do amontoado de casinhas brancas, ao longe, como pombas poisadas no regaço da terra.

A notícia da sua chegada, correu veloz e a casa do velho Pescada, acorreram as pessoas conhecidas, que, de perto queriam ver o Fernando Pescada, milagrosamente transformado em milionário inglês.

Mas, longe de o encontrarem orgulhoso, enfatuado ou altivo, depararam com uma natureza afável e cativante, que, em todos os corações deixou uma forte impressão de simpatia.

Esqueci-me de dizer aos meus queridos e amigos leitorzinhos que a Mãe de Fernando morrerá, durante a sua ausência. Se não houvesse esta nota tão triste seria muito mais festivo o aparecimento de Fernando em Buarcos.

Bastantes esforços fez o rapaz para que seu Pai o acompanhasse a Londres, mas nada conseguiu do simpático velhinho.

(Continúa na página 6)

A PARTIDA da RAPOSA

POR FELIZ COSTA VENTURA

RAPOSA matreira desde que, com seu compadre Lobo havia assaltado a capoeira do solar da Oliveira nunca mais tivera ocasião de praticar nenhuma das suas inúmeras proezas. Por tal motivo de gorda e anafada que fôra, tornou-se magra a ponto de ninguém a conhecer. O pêlo, que ela se orgulhava de haver sido o mais limpo e lustroso, tornou-se esguedelhado e sujo. Em suma, era agora uma sombra do que fôra um mês atrás. Por isso, nesse dia, andava ela muito triste com a cauda caída, pensando onde iria mitigar a fome que, já havia dias, a devorava, e ia tão absorvida nestes pensamentos que nem reparou numa cisterna onde ia caíndo, senão tivera a providencial idéa de se agarrar à roldana, que pendia à margem da cisterna, com dois baldes de cada lado.

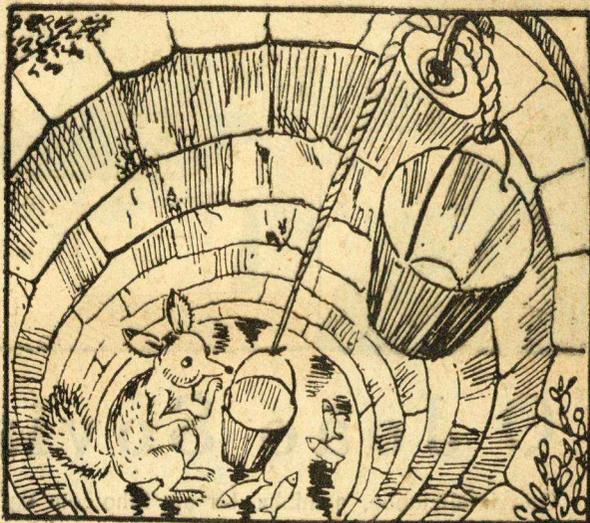
Por acaso, olhando para baixo, soltou um grito de alegria. Devido ao calor que nesse ano corria sufocante, a água tinha diminuído e o peixe (que era em grande quantidade ficara quasi à superfície, lutando com a falta de água. A raposa desfazia-se-lhe a bôca em água. Mas como havia de descer? Nisto teve uma idéa genial: — Meteu-se dentro dum dos baldes que desceu, logo, devido ao peso da raposa.

Assim que se viu no meio de tanto peixe, pôs-se a comer, a comer até se fartar. Satisfeita, resolveu voltar para cima. Mas como?! Era absolutamente impossível. Para baixo fôra bem, mas para cima?!... Depois de experimentar várias engenhocas, concluiu que os seus esforços eram baldados. Já desiludida, pensando que eram chegados os seus últimos dias de vida, a raposa lamentava-se, amaldiçoando a idéa que tivera de descer. Nada vale como a liberdade! Antes andar com fome que tal fartura — pensava a raposa. Mas não havia remédio. O mal estava feito, tinha-se de conformar-se. Assim ela pensava, quando uma voz, sua conhecida, lhe gritou de cima:

— Que estás fazendo, comadre?!

— Ai compadre, estava pensando na maneira de dar destino a êste peixe. Tenho bastante pena de o deixar mas tem de ser — respondeu a raposa com o seu modo mais prazenteiro. Estou fartinha, fartinha até mais não poder. Tenho a barriga tão cheia, tão cheia que, se comesse agora nem que fôsse mais um peixinho, era capaz de re-rentar.

— Olha lá, como é que tu desceste? — perguntou o lobo, lambendo-se todo, já disposto a ir saborear aqueles apetitosos peixinhos que haviam de ser um regalo.



— Compadre, agarra-te a um balde desses, que desces logo.

O lobo não esperou mais nada e em dois minutos achou-se no fundo do poço, ao mesmo tempo que a finôria raposa chegava à borda da cisterna. Assim que se viu fôra, soltou um suspiro de alívio. Desta se livrara ela.

— Então, debruçando-se na borda, falou assim:

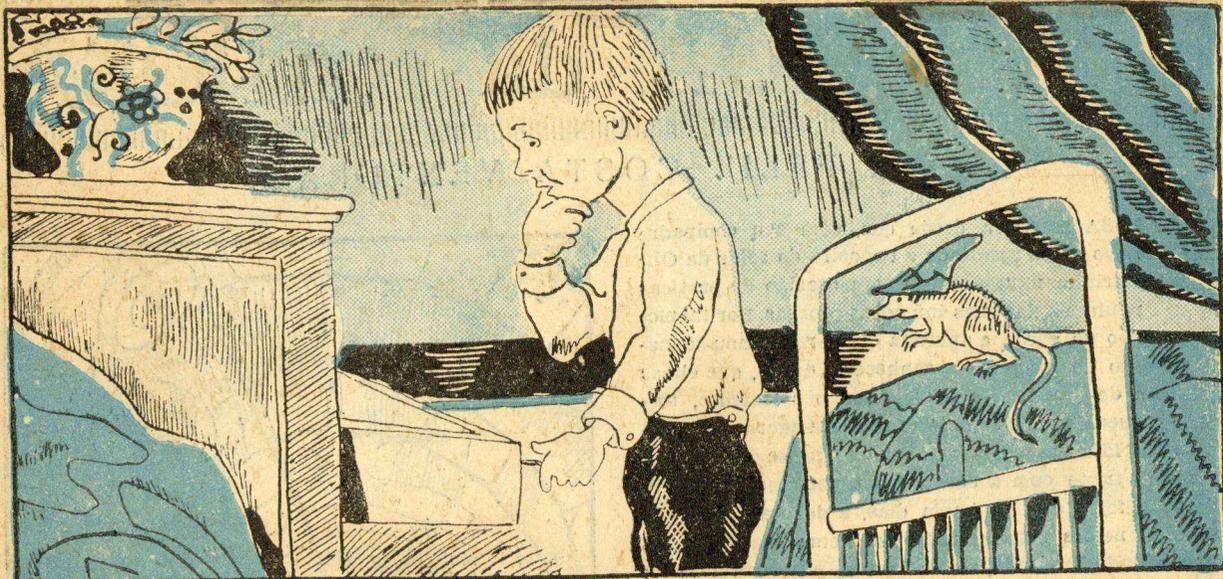
Até logo, compadre. Come bastante mas não apanhes indigestão.

E a raposa lá seguiu o seu caminho, rindo da partida que pregara, enquanto o pobre lobo comia, comia, sem suspeitar, sequer, a sorte que o esperava.

Leitorzinhos, não sejais ambiciosos. Tende sempre presente o que sucedeu ao lobo e podia ter sucedido à raposa, senão fôra o acaso do lobo aparecer.

■ ■ F I M ■ ■



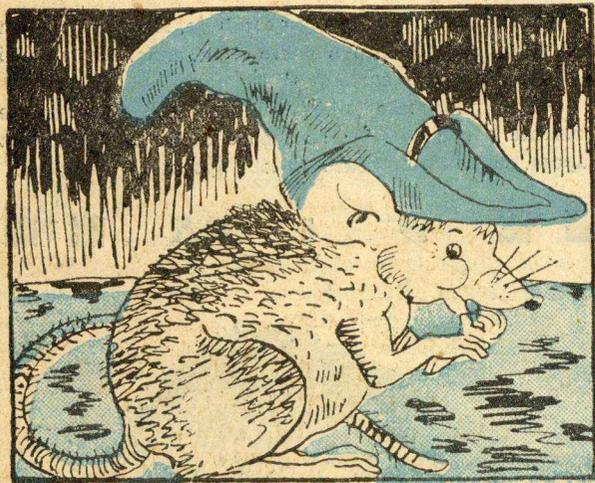


O João Sovina (Continuação da primeira página)

Que infelicidade, a minha, ter um filho com um feitio tão ruim! — lamentava-se a senhora, deveras penalizada. — Para castigar a tua maldade, vai dar essa mancheia de figos ao velhinho que está pedindo esmola aí à esquina da rua, anda, Tinha-os guardado para o teu lanche; por seres mau, ficarás sem eles! —

Também os figos não foram para o velhinho pedinte!

Em lugar de fazer o que a mãe lhe dissera, o João Sovina meteu-os na gaveta da cómoda do seu



quarto, onde igualmente, nesse dia, o vi encafiar a sobremesa destinada à criada e que ele surripiara.

Os meus pelinhos de rato, puseram-se todos arrepiados com este indigno procedimento.

Mas tinha cá a minha idéia!...

Para alguma cousa me transformara eu em ratinho roedor.

Aposto que os meus meninos já adivinharam a minha intenção!

Alta noite, quando todos estavam dormindo, quem

não dormia era o vosso amigo Anão. Com os meus dentes de rato, roí, primeiro, a madeira da gaveta até lhe fazer um buraco, depois passei para dentro e achei-me, entre todas as guloseimas que o João Sovina lá tinha escondido.

Estava bem recheiadinha, não havia dúvida!... Deixei-a, como vocês podem imaginar!...

De manhã, ao abri-la, julgando achar lá uma data de bolachas, bolos e fruta, o rapaz ficou varado!

Uma profusão de migalhas e pedaços de fruta roída, é o que tinha, em frente dos olhos!

— Demónios de ratos! — resmungou, furioso. Em que estado me puseram tão bons petiscos!

Enojado, agarrôu na gaveta e foi sacudi-la à janela que dava para o jardim.

E, lá em baixo, quem é que gosou e se regalou com tanta migalhinha?

Os passarinhos que encheram o papinho naquêl festim rial!

O rapaz olhava-os danado por ter de lhes dar de comer!

Mas o caso não ficou por aqui!

Uma verdadeira perseguição se seguiu!

O João Sovina nunca mais viveu descansado!

Este ratinho, muito esperto, descobria sempre onde ele ocultava os bolos e fruta que guardara para si e não queria dar aos outros.

Em toda a parte eu entrava, roía, estragava, dentava e o forrêta já não se atrevia a esconder coisa alguma!

Até uma noite, em que se deitara com um brinquedo, debaixo do travesseiro, para evitar que os irmãos brincassem com ele, pela cama lhe subi.

Mal me senti bulir, o rapaz gritou, cheio de medo:

— Tenho um rato no colchão!
Acudam já! Que aflição! —

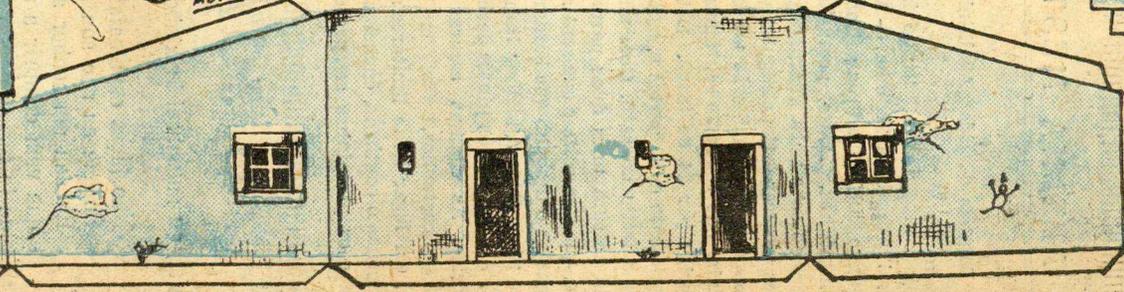
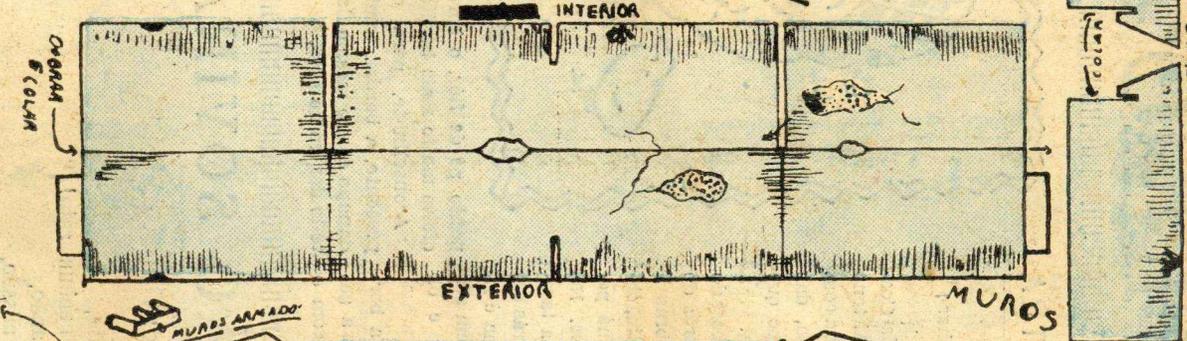
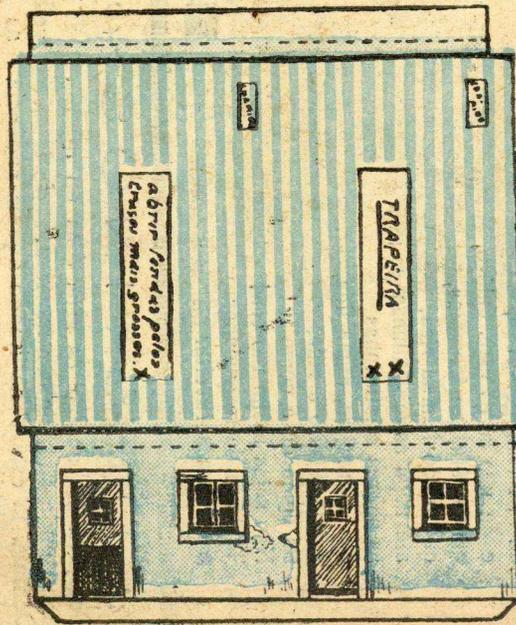
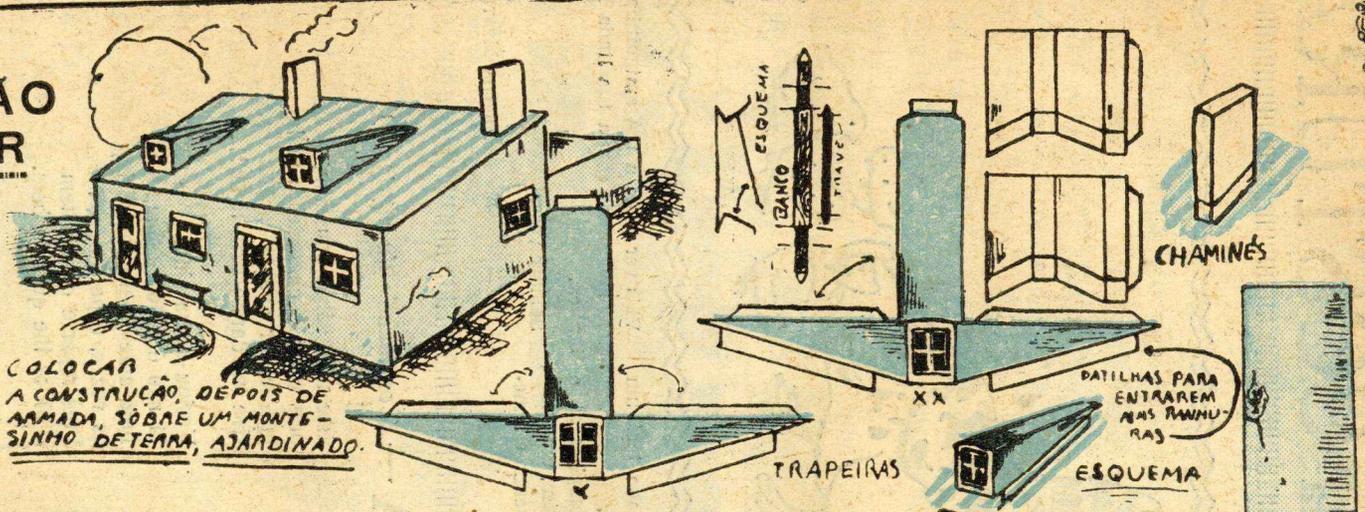
(Continua na página 6)

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR UMA CASA DE CAMPO

PARA DUAS FAMILIAS

por
*Américo
Trabreda*

COLOCAR
A CONSTRUÇÃO, DEPOIS DE
ARMADA, SOBRE UM MONTE-
SINHO DE TERRA, AJARDINADO.



*Américo de
M. Trabreda -
Junho de 1934.*

O CESTINHO da COSTURA

POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas:

Hoje a secção do «Cestinho da Costura» é dedicada à Zêzinha. — Ai tens o desenho ambicionado da galinha com os pintaínhos. Podes, portanto, dar começo ao saco para guardanapo que queres oferecer à tua amiguinha.

Para o fazer, escolherás um bocado de linho que tenha 30 centímetros de comprido por 24 de largo. Dobras o comprimento em 3 partes e, assim, obterás o feitiço do saco. Com uma pequena costura unes duas partes. Na outra, que fica solta e que será a tampa, passas o desenho que bordarás em ponto pé de flôr. A melhor linha é D. M. C. A galinha e os pintos devem ser amarelos. As malhas escuras e os olhos são castanhos.

Se, em lugar de te limitares a bordar apenas o contorno, encheres a galinha e os pintaínhos sempre com o

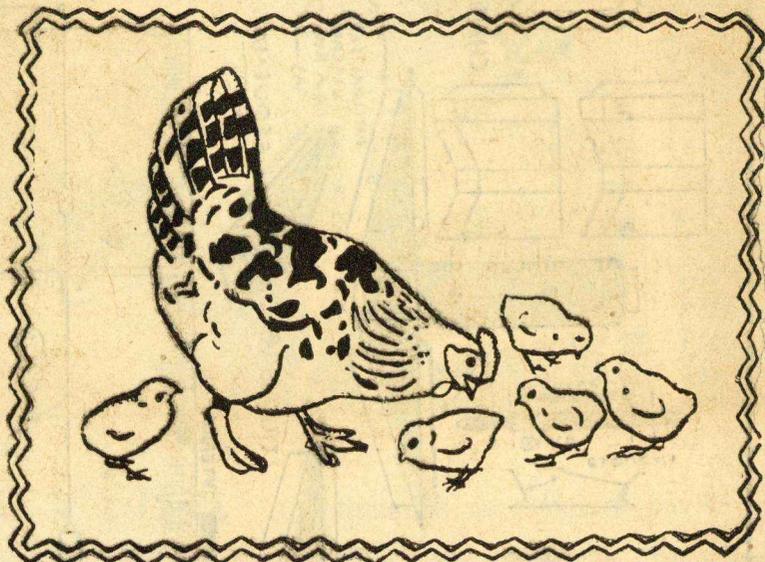
ponto pé de flôr, o bordado terá um efeito muito mais bonito.

Aconselho-te, para completares o presente, a bordar, também, um guardanapo com o mesmo desenho e a metê-lo dentro do saco.

Vais ver como a tua amiguinha vai ficar encantada com a tua linda lembrança.

Sempre vossa

ABELHA MESTRA



O JOÃO SOVINA — (Continuado da página 3)

Vai, eu murmurei baixinho:

Não faças espalhafato,
Porque eu não sou nenhum rato!
Eu sou um senhor anão,
que vem cumprir a missão,
de te tornar generoso,
e de não seres mais guloso,
um forrêta, um fomenica,
que tendo família rica,
até nega as migalhinhas
às pobres criaturinhas
que mourejam, numa lida,
e têm direito à vida,
tal como eu e como tu!
Não sejas assim tão crú!
Trata já de te emendar
e de bem aproveitar

êste meu sábio conselho,
pois quando chegares a velho,
hás-de vêr quanta razão,
tive ao dar-te esta lição!...

Variou a sua sina,
Já não é João Sovina,
bem antes, pelo contrário,
às vezes, é perdulário.
Pois reparte quanto tem
e tôdos lhe querem bem.

E aqui está, como um ratinho,
um tão pequeno bichinho,
lhe curou essas maleitas,
fez dêle um mção às direitas,

■ ■ F I M ■ ■

DESTINOS — (Continuado da página 2)

Desejava êle acabar os seus dias no mesmo cantinho onde sua mulher morrera.

Demais, já estava habituado àquela cadência embaladora do mar. Agora, que a avançada idade o afastava já da enfadonha pesca da sardinha, aprazia-lhe ouvir o seu canto monótono, quebrando de encontro às rochas...

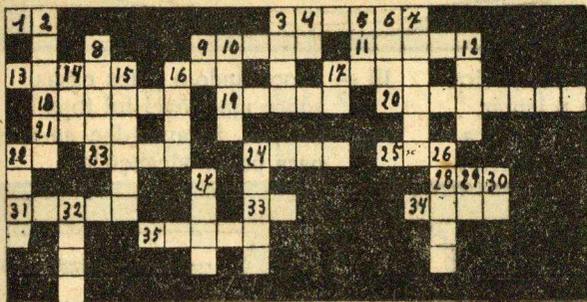
Dizia êle, com bastante graça por sinal: «os velhos são como as crianças. Elas precisam que as amas as adormeçam, cantando; eu preciso que o mar me cante, para também adormecer...»

E acrescentava, com o seu sorriso infantil de desdentado velhinho:

(Continúa no próximo numero)

FESTIVAL DO «PIM-PAM-PUM»

Para o grande festival que o nosso suplemento está organizando e que se realizará no próximo mês de Julho, publicamos, hoje, o segundo cupão, o qual, trocado na devida oportunidade, corresponderá a um bilhete de platéa. Uma colecção de cinco cupões corresponderá a um bilhete de camarote, no caso de preferência. Brevemente sensacionais surpresas!



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS : — 1, Perversa. 2, Jornal. 9, Capital Europeia. 11, Bebida. 13, Nome próprio. 16, Oxido de cálcio. 17, Pessoa de família. 18, Capital Europeia. 19, Cerebro. 20, Referente à agricultura. 21, Embarcação. 22, Laço. 23, Mira. 29, Turquia. 25, Astro. 28, Mulher. 31, Plantio. 33, Medida inglesa. 34, Voz de animal. 35, em tempo nenhum.

VERTICAIS : — 2, Nome próprio. 3, Tulha para guardar trigo. 4, Verbo ser. 5, Boga. 6, Ferramenta. 7, Burro. 8, Recinto. 9, Região do corpo dos animais. 10, Sede da sensi-

bilidade. 12, Curral. 14, Tempo de sol descoberto. 15, Insecto. 16, Tubo. 17, Pedra. 22, Por usar. 24, Cortar. 26, Líquido. 27, Côro. 29 Verbo ir. 30, Atmosfera. 32, Designação.

CHARADAS EM FRASE

A fisionomia deste pano de navio enfeita a embarcação. 2-2.

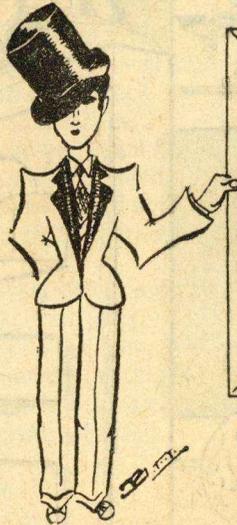
Nas pedras do moinho entre as plantas agrestes estão pousados estes insectos. 1-2.

O sumo sai vagaroso mas é substancial. 2-2.

Olhei no painel este animal. 1-2.

Aqui, com muita devoção, ingeri esta bebida. 1-1.

Solução das anteriores: 1, Penamacôr; 2, Sapo; 3, Cantochão; 4, Soldado; 5, Condecoração; 6, Lamarão.

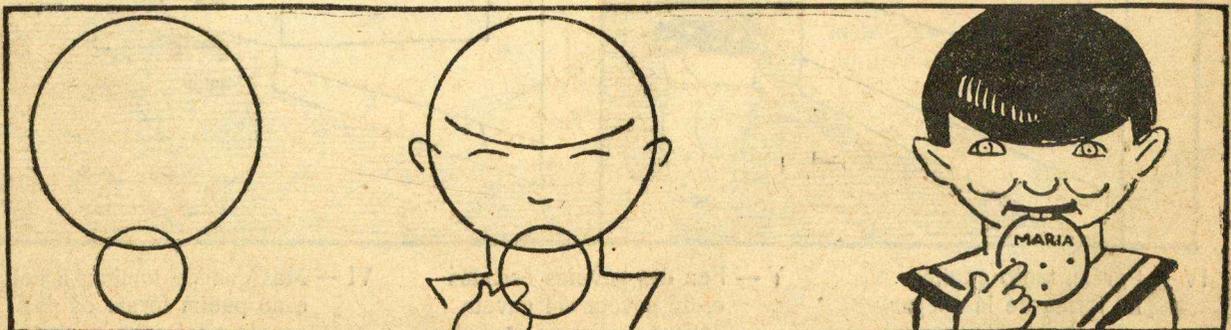


XOUINÉ

SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR



L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um menino a comer uma bolacha

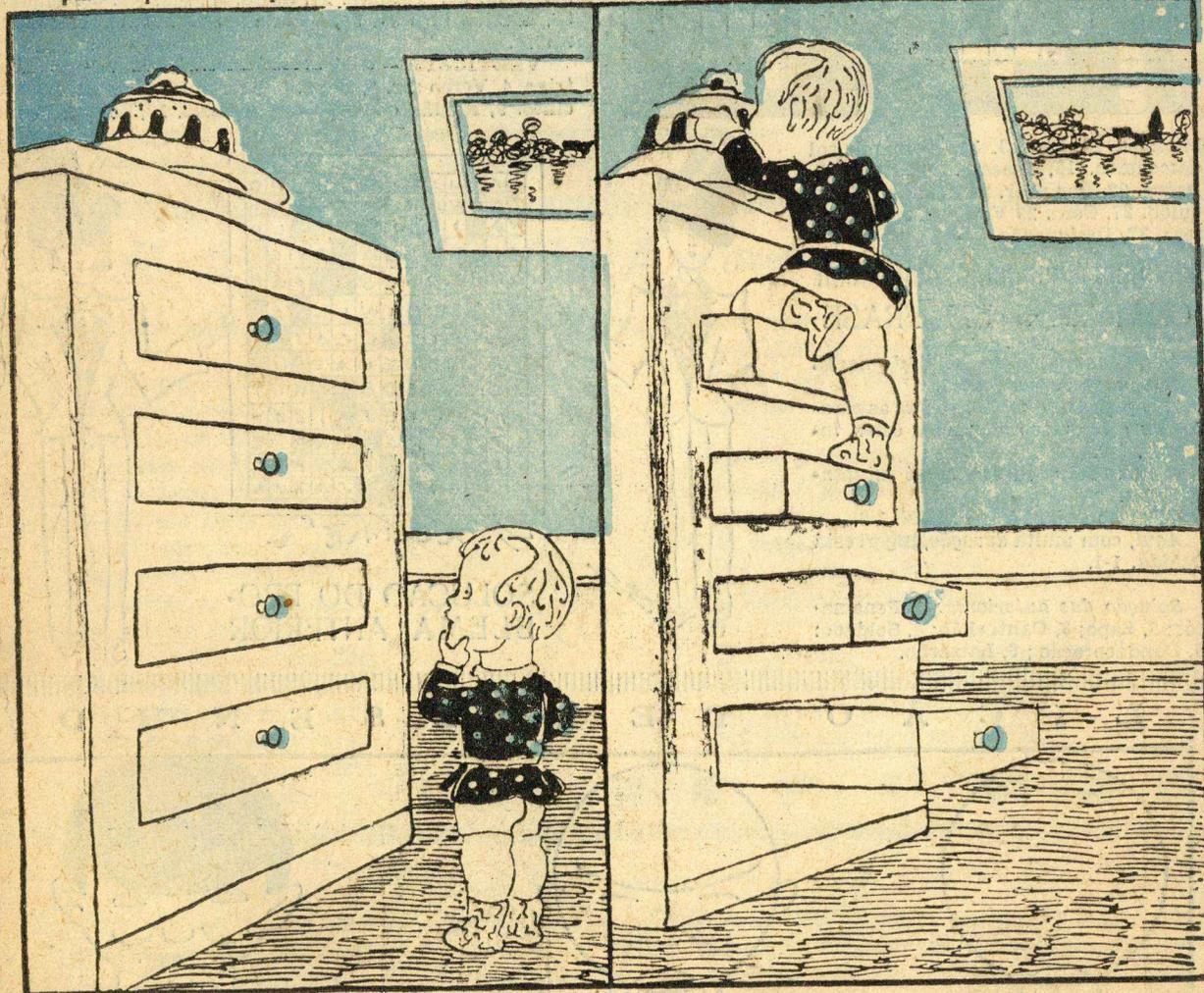
A INVENTIVA do «QUIM»



I — O pequenino Joaquim tem o pecado da gula: Assim que vê um pudim, para o provar até pula.

II — Sabendo que a cozinheira tinha um, para o jantar, pensou, logo, na maneira de um bocadinho provar.

III — Procurando-o pelas casas, sobre um móvel foi topá-lo, mas, ai, faltavam-lhe as asas para poder alcançá-lo.



IV — Porém, tanto cogitou na forma de lá chegar que, finalmente, encontrou um processo singular.

V — Fez das gavetas escadas e, de gaveta em gaveta, deu no pudim as dentadas que, então, lhe deu na veneta.

VI — Mas quando tombou a noite e ao pudim foram os pais, apanhou tamanho açoite que jurou p'ra nunca mais!